



A Cultura Local Re-Significando os Espaços Públicos da Cidade do Rio de Janeiro – o estudo de caso do Pólo da Praça XV ¹.

Cíntia SanMartin Fernandes²

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

Resumo: Tomando como referência os trabalhos de Fourier, Benjamin, Simmel e Maffesoli, o objetivo deste trabalho é apresentar o estudo de caso do Pólo Praça XV, no Centro do Rio de Janeiro. Considerando o Pólo como um conjunto de “ruas Galerias”, verificou-se que este espaço vem sendo vivido tanto como *locus* de trocas comerciais, como também lugar de encontro, de *élan* comunitário. A experiência social de desaceleração do tempo somada às interações sensíveis e sônicas entre sujeitos e espaços permitiram a construção de um novo *ethos*, re-significando as práticas socioculturais nessa localidade.

Palavras-chave: comunicação; cidade; cultura; música; sociabilidade.

Na atualidade, há um processo de redistribuição e reacomodação dos poderes – antes centrados e bem definidos nas instituições modernas –, afetando e transformando as instituições, os valores, os grupos e as classes. Conforme aponta Bauman (2001), tudo que se apresentava como sólido, estável, com "direção fixa" e, portanto, sem riscos maiores para a segurança cotidiana, está sendo sacudido pelos fluxos constantes e pela fluidez dos recursos de poder. Concordamos com essa perspectiva e reafirmamos que na contemporaneidade o poder fragmenta-se, possibilitando vivermos como se estivéssemos inseridos num movimento caleidoscópico, em que uma pequena alteração gera uma nova reconfiguração social.

Vivemos um tempo, ou tempos em que se assume a fluidez interpessoal e individual devido à contingência e à ambivalência presentes no cotidiano. Tempos em que não se deposita confiança na linearidade do tempo, nem do espaço. Menos ainda da comunicação que deve ser compreendida não mais como apenas um meio, mas como mediação e assim como uma questão de “cultura e, portanto, não só de conhecimentos mas de re-conhecimento (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 28). Deste modo, as microinterações cotidianas ganham centralidade, reelaborando também os processos comunicativos em que o *viver entre* reafirma o aspecto da ambigüidade societal.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Pós-doutora em Comunicação pela UFRJ (2010-2011) e Comunicação e Semiótica na PUC-SP (2007-2010). Doutora em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação NEPCOM-UFRJ, e-mail: cintia@lagoadaconceicao.com



Reconhecendo essa problemática a pesquisa desenvolve-se tendo como hipótese que as Galerias de Passagem e/ou as Ruas Galerias da cidade do Rio de Janeiro caracterizam-se, na contemporaneidade, como espaços de desaceleração do tempo que possibilitam relações que não passam apenas pela lógica do mercado, pois nestes lugares emergem articulações capazes de descentrar o valor econômico das relações e eleger outros valores, códigos e práticas sociais que geram novas sociabilidades.

Ao mesmo tempo, algumas experiências de sociabilidade apresentam-se como um importante diferencial competitivo num mundo globalizado marcado pela velocidade e a ampla oferta de atividades culturais e de entretenimento. Analisando o estudo de caso do território conhecido como Pólo da Praça XV (no centro do Rio de Janeiro), é possível constatar que as aglomerações de bares e restaurantes que gravitam em torno da música ao vivo possibilitaram o desenvolvimento expressivo desta localidade, que ampliaram o interesse do público, gerando empregos e espaços significativos para que artistas que promovem a música local pudessem exibir a sua produção.

As Ruas-Galerias

Anterior ao conceito Benjaminiano “Galerias de Passagem”, Charles Fourier (socialista utópico) propõe em meados do século XIX uma reestruturação e reorganização da sociedade francesa a partir da construção de falanstérios, ou seja, de “verdadeiros palácios para o povo com cozinhas coletivas, que, contudo, preservavam a propriedade privada”, conforme Freitag (2006),

Em sentido metafórico e aplicado às reformas sociais que pretendia concretizar, Fourier estava convencido de que poderia ferir e desestruturar a velha ordem social (*Ancien Regime*), com auxílio dos falanstérios, que eram ao mesmo tempo organizações coesas, bem equipadas e organizadas para a vida e o trabalho coletivos, e construções confortáveis, que abrigariam até 2 mil pessoas. Fourier via no falanstério um instrumento mágico, capaz de conduzir a humanidade a níveis de civilização cada vez mais elevados (FREITAG, 2006, p. 52).

A vida comunitária preservada e estimulada por meio de uma arquitetura que privilegia a existência comunitária, ou seja, uma cidade feita de passagens. Passagens entendidas como um método de comunicação interna o qual facilitaria o livre encontro dos cidadãos e o desfrute dos espaços públicos. Organizando-se em comunidades distintas distribuídas num desenho arquitetônico cujos

prédios dos agricultores rodeariam o prédio central (que tinha a forma do palácio de Versalhes). Quem quisesse, também poderia mudar-se para o interior do prédio principal, o falanstério propriamente dito, em um dos andares superiores, deixando o térreo reservado para as unidades de produção (manufatura, indústria caseira), o trabalho pedagógico, as salas de reunião onde aconteceriam os encontros dos moradores e as refeições coletivas, asseguradas por uma cozinha comum. *As diferentes alas seriam ligadas entre si por arcadas*, como no Palais Royal, em Paris (FREITAG, 2006, p. 52).



Para Fourier essas diferentes alas ligadas por arcadas (geralmente construídas com estruturas de ferro e vidro) comporiam as “ruas galerias” facilitadoras da rede comunicativa da comunidade que as utilizavam tanto para o fluxo do trabalho como do lazer cotidiano.

Apesar de reconhecer o valor arquitetônico de suas arcadas para Benjamin as “Ruas Galerias” ou, como preferiu chamar, as “Galerias de Passagem” caracterizaram os conjuntos urbanos construídos a partir do século XVIII, especialmente após 1822, como *Passagens* em que o “passante” é convidado a passar de uma rua a outra por espaços “programados” a fazê-lo mais do que apenas contemplar, se deixar levar pela lógica das mediações econômicas. Mediações responsáveis pela extrema valorização das mercadorias e que mais tarde deram origem aos grandes estabelecimentos como as lojas de departamento.

As observações de Benjamin em *Passagens de Paris* focalizam as armações de ferro da torre Eiffel, das estações de trem, das passagens de pedestres – em verdade, galerias que interligavam as ruas. Nelas, destacou o uso do vidro e do metal como materiais novos, que para se expressar recorriam a velhas formas, emprestadas à arquitetura greco-romana clássica. Por isso, as “passagens” são para ele a quintessência (*Innbegriff*) do mundo da mercadoria. Nelas as mercadorias encontraram a forma ideal de se expor nas vitrines, se oferecer ao olhar do consumidor, de se realizar, no sentido de Marx na venda. É nas galerias que Benjamin vê perambularem seus personagens alegóricos, típico-ideais, como a prostituta, o catador de papéis, o jogador, o colecionador, o *flâneur*. Esses personagens são, como as mercadorias expostas nas vitrine, representantes do fetiche da mercadoria de que falava Marx (FREITAG, 2006, 29)

Nesse sentido, para Fourier, o espaço público utópico, para Benjamin, o fim das interações sociais livres e a vitória das relações mediadas pela mercadoria. Essas perspectivas estimulam a investigação atual sob a hipótese de que na contemporaneidade “as passagens” serem espaços que conjugam as relações econômicas às relações socioculturais comunitárias. Desse modo, possibilitam relações que não passam apenas pela lógica do mercado, pois emergem articulações capazes de descentrar o valor econômico das relações e eleger outros valores, códigos e práticas sociais, que no cotidiano da interação, e experiência com o espaço e com os “outros”, carregam consigo a potencialidade de gerar (e gerar) novas sociabilidades que podem, por sua vez, serem compreendidas pelos objetos de usos e práticas de consumo.

Logo, propõem-se a compreensão desses conceitos a partir da experiência sensível constituidoras desses espaços urbanos. Desse modo, pensar as Galerias de Passagem e/ou as “Ruas Galerias” da cidade do Rio de Janeiro como um lugar³ significa compreender as cidades como o espaço das efervescências de diversos grupos (ou tribos), em que diferentes identidades

³ O lugar pode ser entendido como “espaços afetivos” que vão sendo construídos, tomam forma, à medida que são vividos, experienciados, sensivelmente e inteligivelmente. Seria aquilo que Milton Santos (1994) chamou de “espaços do acontecer solidário”, que definem usos e geram valores de múltiplas naturezas, como culturais, antropológicos, econômicos, sociais etc., em que se pressupõem coexistências culturais.



solidificam-se, mas que ao se relacionarem nos espaços públicos passam a fazer parte de uma outra rede de relações. Passam a constituir uma rede rizomática em que vivenciam interações abertas onde o contato e o diálogo permitem um desenvolver identitário não fixo (DELEUZE, 2004). Lançam-se, assim a uma interação com a potencialidade de criação de um "outro lugar", um outro *ethos*⁴, um *ethos* que engloba as diversidades vividas em seus cotidianos sócio-espaciais.

No Rio de Janeiro há diversos espaços que se constituem como “lugar” (SANTOS, 1994; MAFFESOLI, 2003) de representação da comunhão de diversidades estético-culturais coexistentes na cidade. Ou melhor, se tornam “altos lugares”⁵ como as praias, o Parque Lage; o Jardim Botânico; a praça do Palácio do Catete; as livrarias e os bares da zona sul; a Feira da São Cristóvão, de Ipanema e Copacabana; as Galerias e as Ruas do centro da cidade e de diversos bairros como o Leblon (Dias Ferreira) entre tantos outros exemplos.

Esses lugares, que representam o espaço da sociabilidade por excelência, são fortalecidos e sedimentados pelos sentimentos comuns e por uma forma de expressão também comum aos que os fazem, espaços da “comunicação-comunhão”. Deste modo, as “portas e as pontes” (SIMMEL, 1983) servem como metáfora das conexões sócio-políticas culturais que vão tecendo a rede interpessoal na cidade, uma rede na qual a dimensão estética do viver, o compartilhar de sentimentos, emoções e paixões comuns, ganha relevância na constituição da potência comunal, ou dos espaços mediativos, comunicativos, que rompem com o estabelecido e com toda estratégia pública de ordenação dos espaços e de poder territorial⁶.

Walter Benjamin (2006) nos dirá, como explicitado acima, que este será o fim das interações livres. No entanto, partimos também do pressuposto de que as Galerias de Passagem e/ou as Ruas Galerias na atualidade podem ser vividas tanto como espaços de manipulação nas manifestações comerciais que utilizam a “cultura como recurso” econômico (YÚDICE, 2004),

⁴ *Ethos* entendido como “modo de ser”. Heidegger (1997) de diversas maneiras chamou a atenção para o *ethos* como maneira de habitar, como já apontavam os gregos.

⁵ A expressão “altos lugares” surge em uma conferência de 1919 em que Max Weber (1959) provoca seus ouvintes a “comportarem-se à altura do cotidiano”, pois somente desta forma seriam “capazes de encarar o severo destino de seu tempo”. A expressão “à altura”, presente em muitas línguas com o significado de “no mesmo nível que”, permanece atual e ao mesmo tempo é arcaica, pois seu significado de origem remete aos poderes divinos e aos poderosos terrenos, à verticalização do espaço em lugares altos e lugares baixos. Conforme Tacussel (2003), Maffesoli ao longo de sua trajetória investigativa responde a este desafio de Weber. Em seus estudos inverte o significado tradicional de “alto” e exalta-o na condição do que é pequeno, cotidiano, popular. Na vontade de compreender a realidade humana nas dobras, no mosaico de culturas, nos comportamentos eventualmente percebidos como frívolos, em suma, da vida contínua e cotidiana - cujas formas parecem jogar ao mesmo tempo com reminiscências arcaicas e repentinas inovações - Maffesoli procura elevar aquilo de mais banal, o prosaico mesmo da vida, às relações de base ancoradas em experiências sensíveis em que o corpo (carne/espírito) manifesta-se como potência interativa.

⁶ Georg Simmel (1983) sublinha a ambivalência da natureza urbana simbolizada pela ponte e pela porta que podem tanto abrir como fechar, unir/ligar como separar, promovendo uma dinâmica que, contendo estética, une uma série de emoções e afetos correlatos a esta *vie des nerfs*. A dupla função destas influenciam na dinâmica dos “nervos” (no duplo sentido) urbanos, pois, ao mesmo tempo em que uma “porta” pode abrir, ela delimita o espaço das relações e interações sociais; o mesmo ocorre com a “ponte”, pois ao mesmo tempo em que ela liga, proporcionando a identificação, ela separa, segrega, definindo os “lugares de cada um”. As relações proporcionadas pela “porta” e pela permitem tanto a emergência de novas formas de se relacionar socialmente nas grandes “ponte” cidades como o compartilhar social de emoções e afetos (estética) relativos ao corpo social, em que a metáfora é empregada para representar as veias e artérias da pulsação cotidiana da cidade.



como possíveis lugares do encontro, do *élan* comunitário, pois ao mesmo tempo em que significa um projeto funcional de organização do espaço urbano ela é construída cotidianamente pela atuação sensível dos sujeitos que ali circulam e fazem uso dos seus espaços não apenas de modo racionalizado e utilitário, mas também de modo sensível onde diversas manifestações culturais se expressam.

Desse modo, é preciso “percorrer” as Ruas Galerias ou as Galerias de Passagem e escavar os sentidos das sociabilidades presentes nestes espaços significativos de interações em que o entendimento polarizado entre os conceitos de público e privado parece escapar ao sentido dado pelas práticas e usos socioculturais e comunicacionais do lugar que parecem apontar para o fim da distinção polarizada público/privado. A extinção dessa dicotomia expressa uma relação com os outros “baseada não mais na distinção, mas na interpenetração das consciências, num forte sentimento de pertencimento” (MAFFESOLI, 2007, p. 139).

Pertencimento originado na/pela experiência de socialidade que religa o indivíduo ao mundo a partir de sua capacidade de criação e de invenção, a partir da sensibilidade e das trocas imaginárias, ou seja, não apenas a partir da relação formal racional, mas também a partir dos imaginários sociais e práticas culturais, tais como a estética. Assim, o todo social é formado por pluralidades estético-culturais comunitárias, que aparecem à luz e mostram que o viver social é complexo, dinâmico, ambivalente, híbrido e fluido.

Portanto, os saberes cotidianos, a inteligência social da contemporaneidade – em que encontramos a sinergia entre sujeito e objeto, natureza e cultura, corpo e espírito – estão também enraizados na sensibilidade e no imaginário dos homens simples (MARTINS, 2000) que re-definem os espaços das cidades por meio de suas práticas e usos cotidianos, re-significando esses espaços imprimindo-lhes um ritmo e uma dinâmica distinta, resultantes de suas interações *in lócus*.

A forma formante: o imaginário e a estética como élan social.

Há uma transformação das relações com a espacialidade, pois a temporalidade também se re-define. Aqueles corpos/sujeitos que caminham freneticamente nessa grande cidade, ao adentrar esses espaços urbanos, reordenam seus movimentos conforme as interações cotidianas que se dão pelo contato e o contágio⁷ com os distintos lugares. As corporeidades dos sujeitos e dos espaços urbanos em interação produzem sentidos para além daqueles tradicionalmente produzidos fragmentando os discursos hegemônicos e programados, gerando diversas possibilidades de sentidos socioculturais.

⁷ Sobre o contágio ver LANDOWSKI 2005, 2006.



É nessa forma pluricultural que se enraíza a existência cotidiana. Esta se exprime numa fragmentação ordenada. E essa fragmentação se faz em um cotidiano em que o imaginal e a estética (como *ethos*, como modos de ser) funcionam como “agregadores”, como vetores de contemplação e de comunhão, entre as mais diversas formas de comunidade. Desse modo, entendemos a imagem como tendo uma função icônica no sentido apresentado por Maffesoli, ou seja, de evocação da relação com o “outro” seja Deus, natureza ou homens. Ao contrário da razão instrumental, que segue pressupostos da utilidade e da eficácia, procurando dizer o que “deveria ser”, a imagem nos oferece o sentir coletivo através do mundo do sentimento, da *passion*, e da estética.

Nos gestos, nas cores, nas roupas, nos encontros musicais, em todos os símbolos que administramos cotidianamente, a imagem é o que nos apresenta ao mundo. Então, em vez de temê-la, devemos observá-la e tentar compreendê-la. É justamente na vida cotidiana que observamos rupturas, que observamos o quanto há a necessidade de não reprodução, da fuga da mesmice, que observamos momentos de transgressão, de ousadia, de atrevimento, de descobertas, de invenções e reinvenções. É na vida cotidiana que podemos observar a emergência de novas alternativas socioculturais.

Na imagem encontraremos a referência individual e social; é ela que remete o indivíduo ao passado e ao futuro. É com ela que representamos no presente e na vida cotidiana. A imagem preserva nossas referências temporais. E auxilia nas diversas e distintas identificações culturais. Não importa se religioso, político ou sexual, a comunidade se funde pelo desejo de estar com o semelhante, por meio do que denominamos *potência estético-comunicativa*⁸ cujo contato primeiro efetua-se pela e na imagem.

Imagem expressiva na *forma* das infinitas interações cotidianas. Forma que na teoria sociológica desde Simmel⁹ é tratada com atenção por ser o que estrutura e unifica as interações sociais auxiliando a compreensão e a reflexão dos atos cotidianos como a descrição dos sentidos ou as significações manifestas tanto na moda, nos concertos musicais, como nos conflitos sociais. Maffesoli acrescenta ainda uma especificidade importante nos “lembrando que a forma ao mesmo tempo acumula a longo prazo as informações da espécie humana e as faz reviver no presente. É arcaica e atual” (MAFFESOLI, 2007, p. 62).

Essa *forma formante* torna concreta as experiências sociais por servirem de referências aos infinitos pertencimentos grupais. Por meio dessas é que esses diversos grupos compartilham

⁸ Este conceito está explicitado em trabalhos anteriores, ver especialmente Cíntia Sanmartin Fernandes, Sociabilidade, Comunicação e Política: a experiência estético-comunicativa da Rede MIAC na cidade de Salvador. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

⁹ Sobre a questão da forma ver Georg Simmel. *Filosofia da Moda e outros escritos*. Lisboa: Texto & Gráfia, 2008 e especialmente Frédéric Vandenberghe. *As sociologias de Georg Simmel*. Bauru: EDUSC; Belém: EDUFPA, 2005, onde o autor explicita a “sociologia das formas sociais” proposta por Simmel.



e comunicam os próprios modos de vestir, de consumir, de se comportar, de falar, de jogar, de dançar, de comer conjugando entre si, e com a sociedade, os valores constitutivos desses atos afirmando suas existências e identidades.

No Rio de Janeiro encontramos experiências sócio/espaciais/temporais deflagradoras desses processos de re-invenção e re-criação urbanas. São eles: as “Ruas-Galerias” do Rio de Janeiro que compreendem àquelas Ruas que no fazer das práticas cotidianas dos indivíduos se transformaram em Galerias.

Como trabalhar com esse conceito? Estamos propondo um novo conceito para nos diferenciar da noção de Fourier: “Ruas-Galerias” seriam aquelas que se constituem numa organização espacial que conjuga lojas de artigos de moda, galerias de arte, cinema, livrarias, feiras livres, patrimônio arquitetônico, geralmente com calçadas largas ou ruas estreitas fechadas para circulação e ocupação dos pedestres, com a oferta de um farto serviço gastronômico. Há desse modo, a integração de diversos produtos de consumo cultural que promovem na sua grande maioria, a marca de uma *forma* sociocultural, de um estilo de vida, ou melhor, de estilos de vida geradores de novas sociabilidades responsáveis pelo re-desenho da espacialidade de uma cidade. Como se construíssem territorialidades que se sobrepõem ao território citadino.

Os estudos de campo apontam que as “Ruas-Galerias” cumprem um papel importante no que diz respeito ao desaceleramento da vida urbana onde os sujeitos se reúnem a fim de desfrutar do encontro e das ofertas culturais disponíveis no lugar. O caso do centro histórico do Rio de Janeiro, mais especificamente no denominado quadrilátero que se estende da Praça XV à Casa França Brasil encontramos uma experiência demonstrativa de uma re-configuração sócio-espacial-temporal-cultural de uma localidade da urbes esquecida ao longo da década de 90 do século passado devido ao forte estado de violência urbana vivido na cidade.

Ao que tudo indica a possibilidade de re-significação do espaço ocorreu a partir da junção de diversos fatores, o forte projeto de revitalização da cidade histórica proposto pelos urbanistas do Estado somado à dinâmica cultural presente tanto nos encontros do samba e choro na Rua do Ouvidor como na gastronomia ofertada e nas exposições de arte nas galerias de arte e museus ali localizados.

A ocupação deste espaço pelos bares, restaurantes, livraria e galerias conduziram um processo de sociabilidade onde a experiência musical, especificamente, o samba e o choro, é o *leitmov* da dinâmica do lugar, ou seja, há um processo de sociabilidade que emerge do compartilhar de um gosto musical que por sua vez gesta um *ethos* do lugar, uma estética e um modo de ocupar próprio diferenciando-o de outros lugares da cidade.



A “musicabilidade” no Centro do Rio e o protagonismo dos atores na construção do Pólo da Praça XV.

Inspirado no crescimento alcançado pelo circuito do samba e choro na Lapa e buscando tentativa de dinamizar o projeto de revitalização do centro que se iniciou na segunda metade dos anos de 1990 no Centro do Rio de Janeiro (HERSCHMANN, 2007): a prefeitura do Rio em conjunto com Sebrae/RJ, SindRio, Senac-Rio, Associação Comercial do Rio de Janeiro percebendo a mobilização de inúmeros atores sociais que começaram a investir ali; promoveu - na primeira década do século XXI - as cercanias da Praça XV ao patamar de “ponto de efervescência turística e cultural da cidade”, isto é, à condição de “Pólo Histórico, Cultural e Gastronômico”.

Chama a atenção o fato de que desde 2004 a localidade começou a construir patamares expressivos de desenvolvimento local. Considerada sempre como uma área com potencial de crescimento pelo fato de estar cercada de importantes equipamentos culturais e históricos do Rio - isto é, um lugar localizado em um quadrilátero de museus importantes da cidade (tais como o Paço Imperial, Centro Cultural Banco do Brasil e Casa França-Brasil) – o fato é que a área encontrava-se decadente, especialmente depois da transferência da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro para São Paulo¹⁰.

Se antes eram menos de dez bares e restaurantes neste território, hoje são aproximadamente 30 estabelecimentos – entre bares, restaurantes, livraria, museus, galerias de arte, casa de shows eróticos e uma cooperativa de artistas autônomos (associados a um dos blocos de carnaval mais prestigiados da cidade, o Boitatá) – o que representa um crescimento de 200% das atividades de economia da cultura. Segundo estimativas dadas pelos atores entrevistados, poder-se-ia afirmar que cerca de 40 mil pessoas freqüentem a este pólo por mês, gastando em média 40 reais, gerando um circuito da economia da música e do entretenimento (que reúne atividades de gastronomia, turismo e arte visuais) que arrecada mensalmente mais de dois milhões de reais.

Vale ressaltar também que um número expressivo das atividades culturais e de entretenimento gira em torno da música na localidade, de certa maneira pode se afirmar que se organizou um circuito (não de forma exclusiva) de samba e choro nesta localidade. Conforme entrevistado,

¹⁰ A Bolsa de Valores do Rio de Janeiro foi a primeira bolsa a ser fundada no Brasil. Antes do início formal de suas operações, em 1845, os negócios – com produtos como fretes de navio e mercadorias de importação e exportação – eram realizados em uma espécie de pregão ao ar livre. Praticamente todos os grandes momentos econômicos do país transitaram pela Bolsa do Rio. Com a evolução do mercado acionário, acordos de integração, a partir de 2000, transferiram a negociação de ações no País para a Bolsa de Valores de São Paulo. Em 2002, a Bolsa de Mercadorias & Futuros adquiriu os títulos patrimoniais da BVRJ, passando a deter os direitos de administração e operacionalização do sistema de negociação de Títulos Públicos (<http://www.bmfbovespa.com.br>, acesso em fevereiro de 2011).



No meio de 2003 alugamos esta loja aqui, que estava vazia fazia tempo. Esta parte da Rua do Ouvidor, da Primeiro de Março para cá, tradicionalmente sempre foi menos glamourosa. Ela sempre foi muito ligada ao Porto, a Estação das Barcas. Aqui era o mercado de peixe. Enfim, era uma área menos nobre da Rua do Ouvidor, sempre foi. Nessa época que eu vim para cá esta área estava especialmente largada. A Rua do Rosário na época em que eu cheguei tinha cortiços invadidos e ninguém passava por ali. As lojas eram basicamente lojas de pesca ou de artigos de pesca e tal. Isso foi mudando aos poucos e hoje em dia só tem uma loja deste tipo. Eu lembro que quando eu vim para cá ninguém abria no sábado. Eu já tinha, desde o tempo do Hélio Oiticica, a tradição de fazer rodas de samba porque eu precisava chamar as pessoas para ir lá, uma vez que a loja ficava numa região que não era tão central como aqui e o centro de artes não tinha uma política de atividades muito frequente. As coisas começaram a mudar por aqui, coincidentemente, depois da minha chegada. Houve um movimento do Carlos Lessa de comprar alguns prédios ali da Rua do Rosário e estes prédios deixaram de ser casas invadidas para se tornarem estabelecimentos (Entrevistado 1).

Essa mudança qualitativa da transformação de casas invadidas em estabelecimentos comerciais e paulatinamente a vinda de atores interessados em dinamizar os mesmos, considerando a oportunidade de ocupar os casarios coloniais re-inventando a história recente do lugar por meio do resgate do valor histórico-cultural deste espaço da cidade, transmutou a sociabilidade desta região.

O passo inicial da Folhas Secas foi promover a roda de samba, mais tarde batizada de “Samba da Ouvidor”. Com o passar dos anos e consolidação deste espaço como um dos lugares de encontro da tribo dos sambistas, profissionais, amantes e simpatizantes do samba, a livraria convidou alguns restaurantes a abrirem aos sábados. O restaurante e bar Antigamente foi o primeiro a aceitar o desafio e, devido ao movimento para além do estimado, desde dezembro de 2006 incluiu em sua programação o Samba da Ouvidor e ao final das tardes de terça-feira e de quinze em quinze dias intercalando com o samba uma roda de Choro. Essa iniciativa reúne os admiradores do samba que além de compartilhar a música ainda desfrutam de toda cultura gastronômica relacionada a este universo cultural. Conforme entrevistado, a roda de samba que em 2004 e 2005 era esporádica passou a fazer parte do circuito do samba do Rio, o que modificou por completo a espacialidade da Rua do Ouvidor.

A participação do Antigamente ampliou o espectro das possibilidades de consolidação da Rua do Ouvidor como mais um espaço para o culto do samba e do chorinho no Rio de Janeiro despertando o interesse tanto do poder local como dos meios de comunicação associados aos negócios turísticos. Nesse momento a Livraria e Edições Folhas Secas decide por retirar-se da organização das rodas e concentrar-se em seu trabalho de edição e venda dos livros especializados nos temas futebol, música e história do Rio que apesar de ter uma vendagem maior devido ao fluxo mais intensificado da Rua do Ouvidor, não representava para o proprietário o interesse primordial dos frequentadores das rodas, já que o primeiro produto a ser



procurado era a música e em segundo os produtos alimentícios como cerveja acompanhada de “comida de boteco”.

Em 2006 entrou um cara novo no Antigamente e ele quis fazer roda quinzenal. Eu não sou promotor de roda de samba, eu faço porque eu gosto e tal, mas ele como é um comerciante de comidas e bebidas começou a abrir aos sábados e queria fazer uma atividade todo sábado, eu disse que não e ele propôs de quinze em quinze dias. Os restaurantes começaram a abrir aos sábados e me ajudaram pagar os músicos. A roda virou quinzenal, com uns meninos muito bons, comandados pelo Gabriel e pelo Pratinha, que é um menino que trabalhou aqui na loja e toca sete cordas. O Gabriel é cantor e toca cavaquinho. A roda começou a ficar conhecida e saiu uma grande matéria no Rio Show e ficou insuportável, porque a roda era aqui na frente e eu nunca vendi comida e bebida. O meu movimento então era sempre melhor porque vinham quintas pessoas e tal, mas as pessoas não vinham para a roda com a intenção de comprar livro. Elas vinham como intuito de comer e beber, era outra história. Agora está tendo esta roda quinzenal e no intervalo o Antigamente botou uma roda de choro também. Ou seja, agora todo sábado está tendo evento (Entrevistado 1).

Nas terças e sábados especialmente na Rua do Ouvidor e na Rua do Mercado são organizadas rodas tradicionais de samba e choro que atraem expressivo segmento de público. Os donos dos estabelecimentos afirmam de forma quase unânime que a música ao vivo foi e é um atrativo importante para atrair o público para esta localidade. Foi a música que re-criou o espaço comum na Rua.

O choro é uma música que lembra o sarau... que resgata os “bons tempos”, o encontro musical... quem gosta de choro gosta de música como história... a idéia do conceito do bar Antigamente e do Rio Antigo está vinculado diretamente à história do choro (...) Almoçar da Primeiro de Março para lá ainda é trabalho, da Primeiro de Março para cá é lazer... há um circuito... temos arte, livrarias, música. É um espaço para o carioca. As pessoas que trabalham no centro vêm para cá porque entram num lugar que não tem Bancos, Lojas Americanas... é um lugar que tem bares, restaurantes e museus... e a música na rua é fundamental. O Samba da Ouvidor foi o primeiro movimento de música que tivemos aqui. Ele cresceu tanto que não cabia mais nesse espaço e foi para esquina com a Rua do Mercado. Sem dúvida a música atrai e reúne as pessoas. O Samba da Ouvidor é uma reunião de músicos profissionais de altíssima qualidade. É um repertório de samba fantástico. Outras casas colocaram música ao vivo. Tem samba jazz, jazz (...) Eu acho que a música é fundamental, e a música ao vivo tem um apelo, as pessoas que passam aqui no sábado e que não vão sentar, ou que já estão indo embora param e olham, participam (Entrevistado 3).

O interessante é refletirmos que embora vivenciemos neste momento uma “crise” e reestruturação da indústria da música em todo o globo (YÚDICE, 2007a, 2007b), a afirmação de Herschmann sobre a importância dos “circuitos de música ao vivo” (mais ou menos aglomerados ou dispersos em territórios) na construção de “paisagens sonoras” valorizadas pelos indivíduos pode orientar a compreensão do processo experienciado neste local da cidade.

Diferente da dificuldade de se vender fonogramas que caracteriza o universo que envolve os negócios da música neste início de século XXI, nota-se um crescente interesse do público pelas apresentações ao vivo, especialmente por aquelas que são realizadas nos corredores



culturais de grandes cidades. Herschmann enfatiza que a sociabilidade e a afetividade gerada pelos concertos ao vivo (que promovem em geral a música local) quando combinada a arquitetura dos centros históricos têm permitido construir experiências de êxito em várias cidades dos países ibero-americanos, tais como o da Lapa no Rio Janeiro; San Telmo em Buenos Aires; e os bairros do Alto e Alfama em Lisboa (HERSCHMANN, 2007, 2010).

Assim, foi possível constatar na pesquisa realizada que, no Pólo da Praça XV diversos bares e restaurantes – tais como Anticamente, Brasserie Rosário, Casarão 1881, o Casual e o Casual Retrô entre outros - passaram a ter uma programação musical variada, isto é, estes estabelecimentos passaram a contratar regularmente um *cast* de artistas todos eles oriundos do universo da música independente¹¹. Poder-se-ia afirmar que há uma geração de empregos diretos e indiretos relacionados ao universo da música: hoje aproximadamente 20 grupos de artistas não só de samba e choro, mas também de MPB e jazz se apresentam mensalmente nesta localidade.

Alguns dos músicos entrevistados afirmam que tocar no Pólo da Praça XV não tem o mesmo *glamour* de tocar na Lapa (considerada pela maioria a “grande vitrine da música local da cidade”), mas que ali conseguem resgatar um espírito quase original das rodas tanto de samba quanto de choro. Os músicos tocam na rua, qualquer pessoa pode ouvir, apreciar e compartilhar o espaço. E foi justamente nesse compartilhar que vários grupos construíram uma forte identificação com o público e a localidade, como são os casos, por exemplo, do “Samba da Ouvidor” e do grupo de choro “Anticamente”.

Diversos entrevistados afirmaram que este Pólo não compete propriamente com a Lapa (que também é um pólo gastronômico, histórico e cultural): na realidade as atividades do Pólo da Praça XV se concentram na hora do almoço e no horário do chamado *happy hour* (no Rio, entre 17:00 e 21:00 horas), enquanto que a grande maioria das atividades programadas da Lapa tem início em geral por volta das 21:00 horas e vão até 03 horas da madrugada.

Poder-se-ia dizer que há uma complementaridade, e para alguns dos entrevistados “uma extensão” entre as várias localidades, “bairros musicais” (que concentram apresentações ao vivo em bares, restaurantes e casa de espetáculo) do Centro do Rio: nota-se que o público circula regularmente entre os bares e as casas de shows ao vivo da Lapa, Cinelândia, Praça XV e Gamboa com grande naturalidade. Inclusive, este crescimento do interesse pelo Centro do Rio vem re-significando esta zona da cidade, a qual passou a ser reocupada na última década: se até

¹¹ Evidentemente, é um mercado de nicho fora do *target* dos grandes músicos nacionais e internacionais. Vários destes grupos musicais tocam grandes sucessos e atuam como se fossem bandas *covers*, mas há artistas têm um trabalho autoral de relevo na cena musical brasileira: é o caso do Samba da Ouvidor, que são frequentemente contratados para tocar nesta localidade.



os anos de 1990, a população do Centro havia encolhido mais de 20%, na última década o número de moradores da região cresceu aproximadamente 5%¹².

A iniciativa de Rodrigo Ferrari em 2003 de transferir A Livraria e Edições Folhas Secas, inaugurada inicialmente em 1998 no centro de cultura Hélio Oiticica para a Rua do Ouvidor foi de grande importância para o *start* de um processo que desde então vem se desenvolvendo neste espaço do centro muito valorizado na época do Império e início da República brasileira que, no entanto, fora desprezado e marginalizado no percurso da constituição do projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro, principalmente após as intervenções do prefeito Pereira Passos¹³.

Esse Pólo só foi possível devido ao envolvimento dos atores locais - que, assim como no estudo caso do circuito de samba e choro da Lapa, descrito e analisado por Herschmann (2007) - ocuparam este espaço no centro do Rio e protagonizaram este projeto que gerou níveis de desenvolvimento local, alicerçado nas experiências proporcionadas pelas atividades musicais e pelo patrimônio arquitetônico-histórico-cultural da localidade. Tal como a Lapa, é um estudo de caso raro do país de um protagonismo efetivo dos atores sociais no desenvolvimento local. Contudo, diferentemente da Lapa, o Pólo da Praça XV contou desde o início com a parceria do Estado e do Sebrae/RJ.

Estudos e aproximações com os comerciantes da cidade do Rio, conforme a Secretaria de Desenvolvimento Econômico Solidário da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (SEDES) iniciaram-se em 2004 das parcerias entre esta secretaria, a Fecomércio-RJ, o SEBRAE/RJ, o Sindicato de Hotéis, Bares e Restaurantes (SindRio) e a Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ). Por meio do Decreto 31.473/09 foram reconhecidos 22 pólos comerciais na cidade, “que variam da excelência na gastronomia, aos acervos turísticos, ruas especializadas e centros comerciais” (<http://www.programapolosdorio.org.br>, acesso em fevereiro 2011).

O papel da Prefeitura foi o de promover o programa Pólos do Rio¹⁴ articulando as vocações locais das diferentes regiões da cidade por meio, tanto do estímulo à atividade

¹² Mais detalhes, ver LISBOA, Vinicius. “Centro do Rio volta a conquistar moradores”, in: *O Globo*. Rio de Janeiro, 27 de maio de 2011, p. 25.

¹³ Na década de 20 do século passado Pereira Passos, então prefeito da cidade, implementa uma série de modificações no plano urbanístico do Rio de Janeiro deslocando as vias e artérias de acesso mais importantes do centro da cidade, da Praça Quinze para a Praça Mauá. Houve um descentramento político e social do entorno da Praça XV (símbolo do poder Imperial) para a Avenida Rio Branco e Prestes Maia (símbolo da primeira República). Mais detalhes ver ABREU, Maurício. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Pereira Passos, 2006.

¹⁴ O programa a partir de 2009 ganhou um novo impulso pois passou a ser monitorado por uma Governança compartilhada e altamente participativa. Nesse mesmo ano foi criado um selo, uma certificação para orientar, identificar, estimular e sustentar a qualidade dos empreendimentos de cada um dos pólos de negócios reconhecidos pelo programa, são eles: Polo Comercial de Campo Grande, Polo Comercial de Bangu, Polo de Plantas Ornamentais da Grota Funda, Polo Gastronômico de Barra de Guaratiba, Polo Jardim Oceânico – Gastronomia, Turismo e Lazer, Polo Comercial de Automóveis da Ilha do Governador, Polo Intendente Autoshopping, Polo Comercial Largo de Benfica, Polo Gastronômico da Tijuca, Polo Gastronômico Afonso Pena, Polo Comercial Rio Cidade Nova, Polo Empresarial Nova Rua Larga, Polo Histórico, Cultural e Gastronômico da Praça XV, Polo Cultural e Gastronômico do Novo Rio Antigo, Polo Gastronômico, Cultural e Turístico de Santa Teresa, Polo Turístico de



econômica e consolidação de espaços atraentes de convivência para os cariocas e turistas, como estimulando parcerias entre o programa e a cooperação empresarial com a finalidade de geração de emprego e renda e a revitalização da cidade.

No caso do Pólo Praça XV, as ações da Prefeitura conjuntamente com seus parceiros, principalmente o Sebrae (conforme entrevistados), a partir de 2006 e 2007 passaram a atuar com maior vigor na região por meio de suas consultorias que englobam dificuldades e problemáticas empresariais como gestão, associativismo empresarial, qualificação profissional e marketing empresarial, auxiliar nas resoluções de problemas oferecendo palestras e seminários, estimulando os agentes a pensar seu negócio no plural.

O estímulo da parceria público-privado é o cerne do Plano de Ação baseado no associativismo das localidades com potencialidade de desenvolvimento local sustentável da cidade. Desse modo, os empresários locais associados entre si, puderam contar a partir de 2007 com diversas parcerias potencializando o agenciamento de um desenvolvimento sustentado por práticas profícuas de gestão.

É preciso grifar que embora um conjunto de iniciativas da Prefeitura do Rio tenha sido importante para dar respaldo ao empreendedorismo dos agentes, estas ações não tiram o mérito e a relevância da atuação de algumas lideranças locais na organização das atividades deste território. Lideranças que assumiram o associativismo empresarial com vigor enfrentando todas as dificuldades desta região “esquecida” na cidade.

Importante também é destacar que ao contrário do caso da Lapa, em que o poder público demorou quase uma década para se tornar um parceiro dos agentes locais (HERCHMANN, 2007), no entorno da Praça XV o interesse privado pelo território se deu quase que paralelamente ao interesse público. O que nos leva a reflexão do quanto a experiência da Lapa conduziu a uma redefinição de fundo econômico, político e cultural das relações entre o poder público e os agentes locais que se mobilizam reinventando os territórios da cidade desfavorecidos pelas políticas públicas.

Outra questão que aparece nas entrevistas com os músicos é que embora a maioria dos empresários considere a música e todo o movimento que o samba e o choro trouxeram reativando o interesse por esse território, não são prestigiados economicamente pela maioria dos comerciantes locais. Na realidade se estabelece uma relação direta entre os músicos e o público. Constrói-se uma espécie de economia solidária que envolve artistas, fãs e frequentadores da localidade. Não só se realiza sistematicamente a prática do “passar o chapéu”, compra-se discos

Paquetá, Polo Gastronômico de Botafogo, Polo Gastronômico, Turístico e Cultural do Lido, Polo Turístico e Gastronômico da Rua Jangadeiros, Polo Comercial Quadrilátero do Charme de Ipanema, Polo Largo do Leblon – Gastronomia, Cultura e Lazer, Polo Turístico de São Conrado.



e acessórios ligados a esses artistas, bem como se acompanha o trabalho e a trajetória desses grupos nas redes sociais da web.

Há uma preocupação por parte de todos que participam dessa rede em viabilizar a continuidade dessa experiência musical, portanto é importante garantir a sustentabilidade da trajetória desses músicos. Se alguém está necessitado em alguma medida é amparado pelos membros da rede: sejam eles artistas ou produtores independentes.

Em vários depoimentos realizados com os músicos fica evidente que o que os mobiliza a tocar neste espaço não é tanto a recompensa econômica (apesar dela ser importante e vários músicos afirmarem que acham que podem ganhar mais fora dali), mas sim a percepção de que se está construindo um capital simbólico (que num segundo momento transfere-se para um ganho econômico em outro espaço da cidade ou no mercado da música), além do prazer do encontro entre os participantes da rede que é renovado sistematicamente no ritual da roda de samba e choro.

E é justamente nesse ponto que emerge uma diferença crucial para os artistas na comparação com a Lapa. Para eles a Lapa rompeu com a experiência ritualística do samba-choro no momento em que privatizou essa experiência – perdeu em alguma medida a sua “autenticidade” (ou “projeto original, fundador”), lucrando crescentemente com o apelo turístico e um público de massa, isto é, o repertório musical oferecido tem cada vez mais sofrido alterações para atender demandas comerciais. Tocar na Lapa pode ser uma grande vitrine, mas não necessariamente uma realização criativo-afetiva para os artistas. Conforme argumentam os músicos, é possível vivenciar essa experiência criativo-afetiva de forma mais plena no Pólo Praça XV, pois as práticas sociais articuladas à arquitetura das ruas e à paisagem sonora potencializam esse ambiente urbano de efervescência cultural.

Considerações finais

O que podemos concluir inicialmente é que as práticas cotidianas de re-ocupação do centro da cidade por meio do compartilhar musical auxiliaram ao avanço do projeto institucional de revitalização deste espaço do centro da cidade. Contudo, o processo de consolidação do Pólo ainda depende de uma maior organização e construção de uma cultura associativista no território. Foi possível, por exemplo, constatar na pesquisa que, apesar dos patamares de desenvolvimento local alcançados esse território carece ainda de uma maior integração entre os atores sociais que tiveram protagonismo nesse processo. Se por um lado o empreendedorismo dos empresários foi importante; por outro lado, o talento dos músicos e sua capacidade de mobilização de redes sociais desempenharam um papel de grande relevância na re-significação desta localidade. Como



assinalamos anteriormente, é preciso que o reconhecimento dos empresários se traduza em melhores condições financeiras para aqueles que são co-autores da reinvenção desse território.

Referências Bibliográficas

- BAUMAN Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**, Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BAUMAN Z. **Modernidade Líquida**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN Z. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- CANCLINI, Néstor G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CANCLINI, Néstor G. **Cultura y Comunicación: entre lo global y lo local**. La Plata: Universidad Nacional de la Plata, 1997.
- CANCLINI, Néstor G. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- CANCLINI, Néstor G. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 2005.
- DELEUZE, G.; GUATARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 5 vol. 2004.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Comunicação espaço cultura**. São Paulo: Annablume, 2008.
- FREITAG, Barbara. **Teorias da cidade**. Campinas, SP : Papirus, 2006.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HERSCHMANN, Micael. **Indústria da música em Transição**. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2010.
- HERSCHMANN, Micael. **Lapa, cidade da música**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2007.
- LANDOWSKI, E. **Les interactions risquées. Nouveaux Actes Semiotiques**. Pulim: Limoges, 2006.
- MAFFESOLI, Michel. **O Ritmo da Vida**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- MAFFESOLI, Michel. **Notes sur la Postmodernité: le lieu fait lien**. Paris: Félin, 2003.
- MAFFESOLI, Michel. **A Conquista do Presente**. Natal: Argos, 2001 b [1979]
- MAFFESOLI, Michel. Une Lecture de Georg Simmel. **DÉMARCHES HERMÉNEUTIQUES. Sociétés. Revue des Sciences Humaines et Sociales**. Bruxelles: De Boeck Université, N. 74, V.4, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. **Eloge de la Raison Sensible**. Paris:Grasset, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. **A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 1997 [1992]
- MAFFESOLI, Michel. **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Oficinas, 1995 [1993].
- MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- MARTINS, J.Souza. **A sociabilidade do Homem Simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SIMMEL, Georg. **Sociologie et épitémologie**. Paris: PUF, 1981.
- SIMMEL, G. Pont et Port. **Cahier de l'Herne**. Paris: Ed. de l'Herne, n° 45 ,1983.
- SIMMEL,G. **A Metrôpole e a Vida Mental**. In VELHO, Otávio. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- TACUSSEL, Patrick. “À altura do cotidiano – a propósito da obra de Michel Maffesoli”. In **Notes sur la postmodernité: Le lien fait lien**. Paris: Editions du Felin/Institu du Mond Arabe, 2003.
- WEBER, M. **Le Savant et La Politique**. Paris: Plon, 1959.
- YÚDICE, George. **A conveniência da cultura. Usos da cultura na Era Global**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
- YÚDICE, George. La transformación y diversificación de la industria de la música, in: BUSTAMANTE, Enrique (org.). **La Cooperación Cultura-Comunicación en Iberoamérica**. Madrid: Fundación Alternativas, 2007a.
- YÚDICE, George. **Nuevas tecnologías, música y experiencia**. Barcelona: Gedisa, 2007b.